

67% dos madeirenses confiam na resposta dos serviços de saúde

Num universo de mais de 155 mil respondentes, entre os quais 3.402 da Região Autónoma da Madeira, a um inquérito denominado 'Barómetro Covid-19: Opinião Social', que está a ser promovido em contínuo pela Escola Nacional de Saúde Pública, coloca os madeirenses no topo em dois indicadores: a confiança quanto à resposta dos serviços, mas também dos mais apreensivos quanto à interrupção de bens de primeira necessidade. Os madeirenses também são os que tinham, nessa altura, um menor risco de contraírem a doença.

“Durante a primeira semana de recolha de dados do Opinião Social (de 21 a 30 de Março) foram preenchidos 156.192 questionários. Dos respondentes, 64% são mulheres e 36% são homens, 6% tem até ao 9º ano de escolaridade, 26% tem o ensino secundário completo e 68% tem o ensino superior. No que diz respeito à idade, 8% tem entre 16 e 25 anos, 49% tem entre 26 e 45 anos, 37% tem entre 46 e 65 anos e 6% tem mais de 65 anos.”

Assim, “quando questionadas quanto ao seu nível de confiança na capacidade e resposta dos serviços de saúde à pandemia provocada pela COVID-19, 63,1% da população

inquirida sente-se confiante ou muito confiante”, afiança o estudo. “Quem são estas pessoas que estão confiantes ou muito confiantes? São 62,9% das mulheres e 63,6% dos homens. São 75% dos idosos (+ de 65 anos), 54,2% das pessoas com idades entre os 26 e os 65 anos e 59,2% dos jovens (16-25 anos). São 67,1% das pessoas que moram na Madeira e 66% das pessoas do Norte. São 46% das pessoas com escolaridade até ao 9º ano, 65,1% das pessoas com o ensino secundário e 61,9% de pessoas com ensino superior”.

Por outro lado, “quando questionadas quanto ao nível de receio que exista uma interrupção no fornecimento de bens de primeira necessidade, 42,3% das pessoas afirma sentir-se receoso ou muito receoso que isto aconteça”, aponta. “Quem são as pessoas? São 43,8% das mulheres e 39,5% dos homens. São 39,8% dos idosos (+ de 65 anos), 43,3% das pessoas com idades entre os 65 e os 46 anos, são 42,7% das pessoas com idades entre os 45 e os 26 anos e são 37,5% dos jovens (16-25 anos). São cerca de 50% das pessoas que vivem nas Ilhas (48,5% Madeira e 54,6% Açores) e 48,7% das pessoas que vivem no Alentejo. São as pessoas que

vivem em Lisboa e Vale do Tejo que tem menor nível de receio, 40,20% das pessoas que aí vivem reportam ter receio ou muito receio”, reporta.

Por fim, “quando questionadas sobre o seu nível individual de risco de contrair COVID-19, 18,6% das pessoas acredita ter um risco elevado e 30,6% considera ter um risco baixo ou nenhum risco”. E especifica: “São 31,3% das mulheres e 29% dos homens. São 19,3% dos idosos (+ de 65 anos), 18,2% das pessoas com idades entre os 65 e os 46 anos, são 20% das pessoas com idades entre os 45 e os 26 anos e são 11,4% dos jovens (16-25 anos). São as pessoas que vivem no Centro (20,4%) que se sentem em maior risco e as que se sentem em menor risco vivem na Madeira (14,1%).”

Dos 3.402 respondentes na Madeira, 36,2% são homens, 63,8% são mulheres, 1.751 com idades entre 26 e 45 anos, 1.252 com 46 a 65 anos, 309 entre 16 e 25 anos e 91 com mais de 65 anos, acresce que 67,5% têm o Ensino Superior, 27% com o Secundário (10.º ao 12.º ano), 5,2% com o 3.º Ciclo (5.º ao 9.º ano) e residual (apenas 10 respostas) de pessoas com escolaridade até ao 4.º ano. Refira-se que os madeirenses foram os que menos participação tiveram no estudo (5.103 açorianos responderam).



MENOS DE METADE DÃO NOTA POSITIVA À SUA SAÚDE

■ Curiosamente, até há pouco tempo os níveis de confiança dos madeirenses não eram bons ou muito bons quanto ao seu estado de saúde. Aliás, na mais recente “Estatísticas da Saúde”, referente a 2018 e publicada pelo Instituto Nacional de Estatística, os madeirenses eram dos portugueses que menos acreditavam que tinham, digamos, uma ‘saúde de ferro’, sendo que os indicadores abarcam dois anos, pelo que essa percepção até melhorou em 2019.

“A proporção de pessoas residentes com uma percepção boa ou muito boa do seu estado de saúde é maior na Região Autónoma dos Açores (57,7% em 2019) e mais baixa na região Centro (43,3%) e na Região Autónoma da Madeira (45,8)”, aponta o documento. Em 2018, a mesma percepção (boa ou muito boa) era de 43,1%, enquanto que 40,8% consideravam a sua saúde “razoável” e 16,2% avaliavam como “mau ou muito mau”, sendo que 42,8% (terceira mais alta percentagem entre as sete regiões) diziam ter “doença crónica ou problema de saú-

de prolongado”, ainda que apenas 7,6% sentiam-se “severamente limitados” na realização de actividades e uma grande maioria (64,2%) não tinham qualquer limitação.

Para 2019, além dos já referidos 45,8% que apreciavam como “boa ou muito boa” a sua saúde, 39,6% diziam ser “razoável” e 14,6% “mau ou muito mau”. Também reduziu-se a resposta quanto à ‘doença crónica para 41,1%, mas aumentou para 8,7% aqueles que se sentem “severamente limitados” na realização de actividades, reduzindo-se para 27,9% (antes 28,2%) nos “limitados, mas não severamente” e igualmente nos “nada limitados” (63,4%).

Refira-se ainda que a Madeira era a região com mais camas (7,3) por mil habitantes, sendo a duração média dos internamentos nos hospitais gerais ser de 7,4 dias, enquanto que nos especializados na RAM ser de 128,3 dias, atrás dos Açores e do Alentejo, “relacionada com uma frequência mais elevada de hospitais especializados em Psiquiatria”.

In “*Diário de Notícias*”